

Ficha — Arranque industrial e pombalismo

11.º Ano

História A

3 páginas

8 exercícios

Objetivo: Analisar as condições económicas, sociais e políticas que favoreceram o arranque da industrialização (com destaque para o caso inglês) e explicar a política económica e social pombalina no contexto português e europeu.

Revisão rápida

Revolução industrial — passagem da produção **manufatureira** (oficina, trabalho manual, encomenda) à produção **fabril** (máquinas, concentração de trabalhadores, energia do carvão e do vapor). Começa em Inglaterra, na segunda metade do século XVIII, no algodão e na metalurgia.

Condição	Como se verificou em Inglaterra
Capital	lucros do comércio colonial e atlântico; Banco de Inglaterra (1694) e dívida pública que financia investimento
Mão de obra	<i>enclosures</i> (cercamentos): camponeses expulsos da terra, força de trabalho disponível nas cidades
Recursos	carvão de coque e minério de ferro em abundância, acessíveis e baratos
Mercado	mercado interno integrado (estradas, canais, fim de barreiras internas) e mercado colonial protegido
Política e direito	estabilidade institucional após 1688 e garantia da propriedade : o investidor arrisca porque confia na lei
Técnica	inovações aplicadas à produção — máquina a vapor (patente de Watt, 1769), metalurgia com coque, teares mecânicos

Portugal pombalino (1750-1777) — a economia dependia do ouro do Brasil, e o **tratado de Methuen** (1703) tinha aberto o mercado português aos têxteis ingleses. Quando o ouro escasseia, o Estado intervém:

Objetivo	Medidas
Comércio colonial	reforço do exclusivo e companhias monopolistas (Grão-Pará e Maranhão, 1755; Pernambuco e Paraíba, 1759)
Produção	Junta do Comércio (1755) para fomentar manufaturas; fábricas régias (vidros da Marinha Grande, 1769)
Estado e saber	reconstrução de Lisboa após o terramoto de 1 de novembro de 1755; Real Mesa Censória (1768); reforma da Universidade de Coimbra (1772)

Balanço: reforço do aparelho de Estado e do controlo económico, com modernização administrativa e científica, mas **sem industrialização** — a manufatura portuguesa continuou dependente de tecnologia e de mercado externos. **Estratégia:** condições inglesas (capital, trabalho, recursos, mercado, lei, técnica) → fábrica vs manufatura → intervenção pombalina (colonial, produtiva, estatal) → resultado limitado.

Exercícios

1. Completar: o arranque industrial inglês beneficiou de capital vindo do comércio _____, de mão de obra libertada pelos _____, de carvão e ferro baratos, de um mercado interno _____ e de um quadro legal que garantia a _____.

2. Verdadeiro ou falso — corrige as falsas: a) a revolução industrial começa pela indústria têxtil algodoeira · b) a fábrica caracteriza-se pela dispersão dos trabalhadores por oficinas domésticas · c) os cercamentos aumentaram a população disponível para trabalhar nas cidades · d) em Portugal, o ouro do Brasil dispensou qualquer política de fomento manufactureiro até 1750 · e) a política pombalina criou companhias monopolistas de comércio colonial.

3. Liga cada conceito: manufatura · fábrica · mercado nacional · capitalismo comercial · revolução industrial · protecionismo.
(i) produção com máquinas e trabalhadores concentrados; (ii) espaço económico unificado por vias de comunicação e regras comuns; (iii) produção manual em oficina, por encomenda; (iv) acumulação de capital no comércio à distância; (v) conjunto de tarifas e medidas que protegem a produção interna; (vi) transformação profunda dos processos produtivos a partir do século XVIII.

4. Completa a tabela.

Aspeto	Manufatura	Fábrica
Energia e técnica		
Organização do trabalho		

5. Explica três razões pelas quais as condições do arranque industrial não se reuniram em Portugal no século XVIII.

6. Agrupa as medidas pombalinas segundo o objetivo e explica uma delas: (a) Companhia do Grão-Pará e Maranhão (1755); (b) Junta do Comércio (1755); (c) fábrica de vidros da Marinha Grande (1769); (d) Real Mesa Censória (1768); (e) reforma da Universidade de Coimbra (1772).

7. Interpreta: «as reformas pombalinas modernizaram o Estado sem industrializar o país». Concordas? Justifica com dois argumentos e uma limitação.

8. Síntese escrita (3 a 4 linhas): relaciona a política económica pombalina com a conjuntura europeia do século XVIII e com o contexto português de dependência colonial.

Soluções — Arranque industrial e pombalismo

11.º Ano

História A

Resolução completa

1. colonial (atlântico) · cercamentos · integrado · propriedade. Nota: nenhuma destas condições é suficiente sozinha — é a combinação que permite investir, produzir em escala e escoar.

2. a) **V** — o algodão foi o setor pioneiro. b) **F** — a fábrica concentra máquinas e trabalhadores num só espaço, com disciplina e divisão de tarefas. c) **V** — a concentração de terras expulsou camponeses, criando mão de obra disponível. d) **F** — houve medidas de fomento antes de Pombal (por exemplo, manufaturas régias e companhias no reinado de D. João V), ainda que limitadas. e) **V** — Grão-Pará e Maranhão (1755) e Pernambuco e Paraíba (1759).

3. manufatura → (iii) · fábrica → (i) · mercado nacional → (ii) · capitalismo comercial → (iv) · revolução industrial → (vi) · protecionismo → (v).

4. Energia e técnica: **força humana e animal, ferramentas manuais vs máquinas, carvão e vapor.** Organização: **oficina pequena, trabalho por encomenda, mestre-aprendiz vs grande unidade, horário e disciplina, divisão de tarefas, operariado.**

5. Primeira: **dependência de um recurso** — o ouro brasileiro dava receita sem exigir produção, o que desincentivava o investimento manufactureiro e desaparecia quando as minas empobreciam. Segunda: **mercado externo dominante** — Methuen (1703) abriu o país aos têxteis ingleses, e o exclusivo colonial impedia a formação de um mercado interno exigente. Terceira: **quadro institucional desfavorável ao investimento** — ausência de um sistema de crédito e de garantias comparável ao inglês, censura e regulação régia sobre a produção. Acresce a **escassez de carvão e de tecnologia própria**: as máquinas tinham de ser importadas.

6. Comércio colonial: **(a)** — companhia monopolista que reservava à metrópole o comércio do Norte do Brasil. Fomento da produção: **(b) e (c)** — Junta do Comércio para apoiar manufaturas, fábrica de vidros para substituir importações. Estado, saber e controlo: **(d) e (e)** — censura de ideias e reforma dos estudos (matemática, ciências naturais, medicina). Exemplo desenvolvido: a **fábrica da Marinha Grande (1769)** produzia vidro e cristal para reduzir a importação inglesa, mas dependia de técnicos e de mercado protegido — modelo de substituição de importações, não de industrialização autónoma.

7. Concorro em parte. A favor: **modernização administrativa** (Junta do Comércio, fiscalização, contabilidade pública), **reconstrução planeada de Lisboa e reforma científica** da Universidade, que criou condições de formação técnica. Contra: a política económica **reforçou o exclusivo colonial e o monopólio**, ou seja, manteve a estrutura mercantilista em vez de a substituir; e a manufatura ficou dependente de proteção, de técnicos estrangeiros e de um mercado pequeno. Limitação decisiva: a receita continuou a vir do **ouro e do açúcar do Brasil**, não da indústria — quando o ouro escasseia, o modelo entra em crise.

8. Modelo — «Na Europa, o século XVIII combina **mercantilismo**, competição colonial e primeiras fábricas; em Inglaterra, capital, carvão e mercado interno produzem a revolução industrial. Portugal responde com **intervenção do Estado**: companhias monopolistas, Junta do Comércio, fábricas régias e reforma dos estudos, tentando substituir importações e reter no reino o valor do império. A conjuntura explica o alcance e o limite: a política pombalina moderniza a administração, mas assenta na **dependência colonial** — o que a impede de se transformar em industrialização.»

Nota: três blocos para a prova — **condições inglesas** (capital, trabalho, recursos, mercado, lei, técnica) · **fábrica vs manufatura** · **pombalismo** (colonial, produtivo, estatal) com balanço crítico.